

NEOMEDUSA - MARCO ZERO

Aline Fátima

A partir do estilo de dança comum entre performers das festas underground de música eletrônica e raves de São Paulo, Neomedusa se manifesta. Como que surgida de um after da Mamba Negra, Batekoo ou Vampire Haus. Colocada na gnose. Mixando dança ritualística, Vogue, Stilleto, Show Girl, Jazz, Butô, Expressionismo, Pantomima, Capoeira, Danças Afro-brasileiras (incluindo Samba), Hip Hop, a entidade surge lá em 2019. Cada movimento um símbolo, uma gramática corpórea da música das esferas. Essa é a linguagem de Neomedusa. Neste ato, no Marco Zero de São Paulo, a entidade estética criada pela artista Aline Fátima exorciza e encaminha duas almas-memória que vem carregando na cacunda. A alma de um morto vivo: T.Magno, o Barba Azul de seu cavalo (corpo incorporado), que lhe deu o Céu e o Inferno numa quase morte, um quase feminicídio, no limiar entre sobrevivência e estatística, filhos, sonhos, amor, traumas e sofrimento psíquico. Desaparecido desde 2019, pessoa em situação de rua e surto psicótico. Homem negro. Sua memória é reverenciada pelo bem que ofereceu, sua egrégora encaminhada para um campo de luz e cura. Uma libertação para este cavalo.

A outra alma é de um morto morto. Anderson Basílio, o Cavaco. Seu espectro passeia pela Sé, atrás de seu vício, de sua vadiagem, de sua arte. Esse homem negro, morto em 2020, abriu grandes caminhos para este cavalo sambar. Arrancou ervas daninhas, plantou afeto, sorriso, malandragem e arte. Neste rito será celebrado com gratidão e sua egrégora encaminhada para um campo de luz e cura.

Neomedusa - Marco Zero bebeu na Dança Macabra, alegoria artístico-literária do final da Idade Média sobre a universalidade da morte. No pior momento que vivemos no Brasil com a pandemia, com mais de 4 mil mortos por dia, a Dança Macabra vem nos lembrar que não são apenas números, mas vidas ceifadas por um genocídio. A dança como manifestação imaginária do medo da morte. Um desejo de penitência e um ímpeto histórico pelo (último) gozo. Momento mori: o lembrete da mortalidade, um poema-dança didático. São os mortos convidando os vivos a dançarem ao longo da sepultura. Uma expressão artística que consola os pobres e mostra aos ricos que ninguém está acima da Natureza. Diante disso, qual é o sentido de um mundo estratificado? A miséria em que o Brasil se encontra imerso, enquanto o presidente gasta 2 milhões em suas férias. O que significa o aumento do número de bilionários durante a pandemia em detrimento da fome instaurada? Essas e tantas outras questões atravessam níveis pessoais e universais da artista enquanto performa, enquanto ritualiza memórias e medos, enquanto oferece ao mundo sua dança delirante como oferenda